

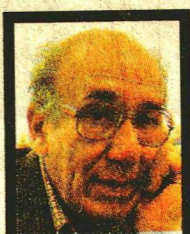
Econ. - Br.

Dólares, papagaios e avestruzes

Importações estourando as previsões, exportações abaixo das projeções. Resultado: faltam dólares para o Brasil pagar os compromissos no exterior, e isso o faz tremer. O saldo da balança comercial (exportações menos importações) não só está sendo pífio, como voltou a cair em junho para magros 260 milhões de dólares, contra 390 milhões de dólares em maio. Diante desses dados, a equipe econômica do governo FHC teve um aparente surto de realismo, colocando seu otimismo delirante de lado, e já fez novas projeções mais magras para o saldo deste ano: agora, serão 2,8 bilhões de dólares contra quatro bilhões projetados anteriormente e que, por sua vez, já eram um rebaixamento da meta mentirosa de cinco milhões de dólares combinada com o FMI para 2000. O fracasso das previsões do governo e de analistas engomadinhos mostra como eram equivocadas, mera conversa de papagaios, as análises que insistiam em dizer que o “congelamento artificial” das cotações do real diante do dólar eram a causa do grande salto nas importações (barateadas pelo baixo preço do dólar) e do desempenho modesto das exportações (sem preço competitivo lá fora por causa da alta cotação do real). Em resumo, o debate econômico resumia-se a falar em “âncora cambial” versus “âncora dos juros”, apontando a desvalorização do real como caminho para a salvação. A maxidesvalorização chegou, foi recebida com foguetório, provocou uma enxurrada de análises típicas de Polianas, afirmando que “agora está tudo resolvido”. No entanto, nem as exportações deram um salto, nem as importações sofreram a queda prevista.

Por quê? As estatísticas mostram claramente que governo e analistas muy amigos fogem do verdadeiro diagnóstico dos problemas da economia brasileira e suas causas. Em poucas palavras: como as estatísticas mostram claramente, repita-se, a desnacionalização da economia, juntamente com o escancaramento às importações, criou um novo estrangulamento permanente no comércio exterior, eternizando a falta de dólares de que o país precisa.

O rombo eterno — de um lado, as multinacionais que avançaram no mercado, seguindo orientação das matrizes, passaram a importar maciçamente matérias-primas, peças, componentes e até produtos acabados, como ficou claro, por exemplo, na CPI dos Medicamentos. As multinacionais, esse o dado ignorado no debate de papagaios, compraram empresas nacionais (laboratórios, no exemplo) e suspenderam a produção local de um sem-número de produtos. Do lado das exportações, a mesma coisa: em qualquer manual de administração de empresas, pode-se ler que as empresas multinacionais estabelecem a estratégia de exportações para suas filiais do mundo inteiro, isto é, dizem “qual”



POR
ALOYSIO
BIONDI

filial vai exportar para a Europa, “qual” vai exportar para o Mercosul, “qual” vai exportar para a África e assim por diante. Isso significa que, com a economia desnacionalizada, de nada adianta o governo realizar desvalorizações ou criar incentivos de emergência para estimular as exportações das grandes empresas estrangeiras. Totalmente indiferentes aos interesses do país, que precisa de dólares, emprego, arrecadação, as matrizes não mudam suas estratégias em um milímetro sequer. Isto é, elas contrariam as teses de que, quando o mercado interno está em recessão e quando se faz uma desvalorização, que barateia seus produtos (em dólar), as empresas se voltam para as exportações — porque elas passam a ser altamente lucrativas.

Prova dupla, a melhor prova dos efeitos da desnacionalização é a indústria automobilística, montada com incentivos ultrabilionários às custas do povo brasileiro, isto é, beneficiada com perdão de impostos nas importações de peças, componentes, máquinas, com o compromisso de, em troca, exportar de acordo com metas estabelecidas, proporcionais aos valores das importações. No ano passado, mesmo com a máxi, as exportações da indústria automobilística caíram pela metade, centenas e centenas de milhões de dólares abaixo dos compromissos — fato cuidadosamente silenciado pelo governo e seus papagaios. Por que aquele recuo? Porque os mercados reservados para as montadoras brasileiras estavam em crise, principalmente a Argentina, por motivos óbvios, e a Venezuela, abalada desde 1998 pela crise dos preços do petróleo. Mesmo diante dessa retração, e com as vendas internas despencando também praticamente à metade, as filiais das montadoras multinacionais não foram autorizadas a buscar outros mercados, “-reservados” para as matrizes ou filiais de outros

países. Compare-se, agora, a situação do Brasil com a evolução da Coreia do Sul, onde, apesar das pressões dos países ricos e do FMI, a desnacionalização em larga escala tem sido rejeitada. Depois da desvalorização da moeda coreana, em outubro de 1997, suas exportações deram saltos de 30%, 40%. E no caso dos automóveis as vendas para os EUA cresceram a tal ponto que hoje a Coreia e outros países asiáticos dominam mais de 25%, ou um quarto, do mercado norte-americano. As empresas coreanas, por não serem dominadas por multinacionais, puderam exportar, amealhar dólares, manter a produção,

criar empregos, ampliar a arrecadação, tirar o país da recessão — com recordes incríveis no aumento das exportações e da produção. O Brasil, desnacionalizado, continua a patinar na recessão — e na falta de dólares. Só um governo de avestruzes e bajuladores avestruzes não enxergam a realidade. Cabe ao Congresso estancar a desnacionalização da economia.

ALOYSIO BIONDI É JORNALISTA ECONÔMICO
EMAIL: ALOYSIOBIONDI@UOL.COM.BR

